



1939 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)
Eixo Temático 08 - Educação Superior

Por uma existência trapezista: a infâmia da narração como chegada e como caminho
Fernando Favaretto - UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

O texto discute a proposta de um programa, produzido em uma televisão universitária, no desenvolvimento do qual quatro estudantes de jornalismo e quatro estudantes de outros cursos de graduação se encontram para falar de suas trajetórias na universidade, e para além dela. Com o nome de "Universidade: a vida é mais", o programa se propõe a uma escuta do outro, a uma abertura para o que o outro tem a dizer, como forma de propor modos de pensar a formação acadêmica, técnica, pessoal e cidadã de futuros profissionais. A partir de contribuições teóricas de autores como Michel Foucault e Rosa Maria Bueno Fischer, pensamos como se dão os processos de transformação desses estudantes, por meio das narrativas de si, dos movimentos do próprio pensamento, das relações com o outro, da experiência de alteridade construída a partir do ambiente universitário. Também propomos um método de trabalho ensaístico, que busca, numa interlocução entre arte e ciência, modos de potencializar os estudantes como narradores tanto da própria existência quanto das existências dos demais com quem caminham juntos.

Por uma existência trapezista: a infâmia da narração como chegada e como caminho

Resumo

O texto discute a proposta de um programa, produzido em uma televisão universitária, no desenvolvimento do qual quatro estudantes de jornalismo e quatro estudantes de outros cursos de graduação se encontram para falar de suas trajetórias na universidade, e para além dela. Com o nome de "Universidade: a vida é mais", o programa se propõe a uma escuta do outro, a uma abertura para o que o outro tem a dizer, como forma de propor modos de pensar a formação acadêmica, técnica, pessoal e cidadã de futuros profissionais. A partir de contribuições teóricas de autores como Michel Foucault e Rosa Maria Bueno Fischer, pensamos como se dão os processos de transformação desses estudantes, por meio das narrativas de si, dos movimentos do próprio pensamento, das relações com o outro, da experiência de alteridade construída a partir do ambiente universitário. Também propomos um método de trabalho ensaístico, que busca, numa interlocução entre arte e ciência, modos de potencializar os estudantes como narradores tanto da própria existência quanto das existências dos demais com quem caminham juntos.

Palavras-chave: formação, TV universitária, narrativas de si, jornalismo

Alvorada, Canoas, Estrela, Sapiranga, Porto Alegre, Relvado e Viamão. Sete cidades gaúchas que permitem inúmeros estudos comparativos, sete diferentes lugares e inúmeras aproximações possíveis, entre as quais a que permitiu que oito estudantes universitários pudessem se encontrar, se conhecer, aprender uns com os outros, estreitar laços de amizade, falar sobre a situação do país, compartilhar sonhos e inquietações, revelar expectativas profissionais e discutir a vida acadêmica.

Trata de aproximações o programa *Universidade: a vida é mais*, e trata de aproximações também o presente trabalho, ao longo do qual formas de se fazer arte e de se fazer ciência serão pensadas no que têm de comum, de similar, de propositivo, e também de singelo, de despretenso, de contemplativo. Na aula inaugural da disciplina de Semiologia Literária que ministrou no Collège de France em 1977, Roland Barthes apontou certas diferenças entre literatura e ciência, que podem nos ajudar a pensar acerca de inúmeras relações possíveis no campo da pesquisa científica, e que nos interessam para estabelecer formas de se estudar a vida na universidade, a vida de estudantes:

(...) a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta, semelhante à pedra de Bolonha, que irradia de noite o que aprovionou durante o dia, e, por esse fulgor indireto, ilumina o novo dia que chega. A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa (BARTHES, 1980, p. 18-19).

A literatura nos importa porque pode corrigir a distância entre a vida e a ciência, a literatura nos importa porque, por meio de suas formas, como a poesia, pode estabelecer modos menos engessados de dizer e de manifestar as coisas que nos importam, como aponta Mário Quintana (2005, p. 905), para quem "esses poetas que tudo dizem, nada conseguem dizer, estão apenas fazendo relatórios...". A literatura, sem desmerecer as estruturas formais de se produzir e registrar o conhecimento, como relatórios, tabelas, estatísticas, "engrena o saber no rolamento da reflexividade infinita: através da escritura, o saber reflete incessantemente sobre o saber" (Barthes, 1980, p. 19). Talvez pudéssemos dizer que o programa *Universidade: a vida é mais* também se alinha nessa estratégia de operar com o saber, que vai além do registro formal de dados. Mesmo não se tratando *strictu sensu* de literatura, quisemos, por meio de todas as atividades envolvidas nessa produção, pensar sobre os modos pelos quais estudantes de uma universidade pública em Porto Alegre, vindos de várias cidades do Estado, transformam-se em jornalistas, engenheiros, historiadores, agrônomos; quisemos acompanhar parte dos processos que fazem com que esses estudantes se reconheçam como acadêmicos, profissionais, cidadãos, e acreditamos que seria possível fazê-lo juntamente com eles, num processo contínuo de produção de vários episódios de um programa de televisão universitária, desenvolvidos como um meio e um fim para problematizar a experiência de transformação de si mesmo, na trajetória de vida numa instituição de ensino superior.

Diversos questionamentos se apresentaram para um estudo no qual muitíssimo os sujeitos envolvidos e para cuja elaboração é preciso acompanhar e observar os participantes e com eles interagir. Nesse sentido, duas indagações que movem Fischer (2005, p. 117), ao refletir sobre o texto acadêmico, podem ser pensadas com relação ao nosso programa de televisão: "Primeira: que relações poderiam ser pensadas entre a experiência da criação e da fruição estéticas e a produção do texto acadêmico? Segunda: podemos (e devemos) escrever a nós

mesmos no texto científico?”

Antes de chegar a um texto científico, à elaboração de um artigo ou de uma tese, participo do programa, e parte significativa do que se diz e do que se faz durante sua produção é matéria fundamental para a escrita acadêmica que a partir dele se origina. Como jornalista que atua em uma TV universitária, que acompanha o programa *Universidade: a vida é mais*, orientando os estudantes de jornalismo que dele participam, seria possível não estar presente na escrita acadêmica que o toma como objeto de análise, que nele se debruça para pensar a formação dentro de uma TV universitária, que a partir dele pretende compreender parte das transformações que se dão com esses estudantes e com os demais, de outros cursos?

A aposta em um programa de televisão, como espaço para pensar a formação universitária, não apenas de estudantes de jornalismo é também uma aposta na necessidade de ouvir o que esses estudantes têm a dizer, de escutá-los, de provocar que eles falem de si e com outros, e que sejam também ouvidos por esses outros que, por sua vez, também falam de si mesmos. A aposta feita por esse programa é uma aposta na possibilidade de se narrar a vida de modos mais amplos, por meio da palavra dada a muitos sujeitos, por meio de uma narrativa que, mesmo tendo aspectos biográficos, possa ir muito além disso. A aposta em um novo ato de escrever

(...) como ato de alguém se mostrar, de meditar, de fazer-se ver, de fazer aparecer para o outro e para si mesmo o próprio olhar: escrever para constituir a si mesmo como sujeito da ação racional, pela apropriação, pela subjetivação em relação ao já-dito fragmentário de si (FISCHER, 2005, p.119).

Escrever matéria para um veículo impresso, produzir um programa de televisão ou de rádio, registrar uma imagem fotográfica para ilustrar ou contar um fato são atos que fazem aparecer o olhar do jornalista, constituem parte desse jornalista como sujeito da narrativa que apresenta, revelam determinadas formas de pensar e de compreender o mundo. Manifestam, em outras palavras:

(...) o resultado de um complexo processo histórico de fabricação no qual se entrecruzam os discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui sua própria interioridade. É a própria experiência de si que se constitui historicamente como aquilo que pode e deve ser pensado. A experiência de si, historicamente constituída, é aquilo a respeito do qual o sujeito se oferece seu próprio ser quando se observa, se decifra, se interpreta, se descreve, se julga, se narra, se domina, se domina, quando faz determinadas coisas consigo mesmo, etc. (LARROSA, 2002, p. 43).

Acreditamos que no programa *Universidade: a vida é mais* os estudantes podem se observar, decifrar-se, interpretar a si mesmos e aos que com eles interagem, pensando a experiência de si, olhando para a própria trajetória, observando a interioridade a partir da qual se constrói uma identidade pessoal e profissional, tecida e trabalhada em pequenos gestos, em singelas declarações, espectadores que são de partes da sua história, nos moldes do que nos lembra Abbas Kiarostami (2004, p. 185), ao dizer que “para Godard, o que se vê na tela já está morto. Só o olhar do espectador é capaz de insuflar-lhe vida”. Entendemos o programa como uma possibilidade de os estudantes insuflarem vida no modo de olharem para si mesmos, de insuflarem mais vida na sua experiência, de vivenciarem uma universidade que é mais – mais do que a sala de aula, mais do que as exigências de um currículo acadêmico, mais do que o ir e vir para compromissos institucionais.

Narração e criação

O jornalista poderia ser definido como um narrador, como alguém que conta histórias, como o profissional que registra fatos e acontecimentos e os torna públicos, a leitores, ouvintes, telespectadores, conforme declara um dos estudantes, no primeiro episódio do programa: “*Eu escolhi o jornalismo porque desde criança, desde os meus sete anos, eu gostava muito da profissão, eu via as pessoas trabalhando, eu via na televisão, e eu pensei, bah, eu também quero participar disso, eu quero fazer isso, eu quero poder contar histórias*”. Esse desejo de trabalhar com histórias, de as conhecer e de as narrar, está ligado diretamente à tradição oral, que pode ser encontrada em remotos registros da humanidade. Mas, para além dela (...) “há que se compreender o ato de narrar não como o que provém tão somente da oralidade; ele é, por excelência, fruto da necessidade que o homem tem de contar e recontar as histórias que permeiam a vida” (RESENDE, 2009, p.34).

As histórias que permeiam a vida costumam ser contadas, recontadas, adaptadas a formatos e suportes narrativos, transformadas conforme nela agem os muitos sujeitos que a acolhem como suas, que nelas se debruçam para melhor as compreender ou as fruir, como possibilidades de comunicação e de permanência. Nesse sentido:

O artista é um visionário. Um vidente. Tem passe livre no tempo que ele percorre de alto a baixo em seu trapézio voador que avança e recua no espaço: tanta luta, tanto empenho que não exclui a disciplina. A paciência. A vontade do escritor de se comunicar com o seu próximo, de seduzir esse público que olha e julga. Vontade de ser amado. De permanecer. Nesse jogo ele acaba por arriscar tudo. Vale o risco? Vale se a vocação for cumprida com amor, é preciso se apaixonar pelo ofício, ser feliz nesse ofício. Se em outros aspectos as coisas falham (tantas falham) que ao menos fique a alegria de criar (TELLES, 2007, p. 14).

A paixão pelo ofício de escrever, sobre a qual nos fala Lygia Fagundes Telles, tem relação com uma entrega ao exercício de arriscar-se numa profissão, sem necessariamente ter o que muito comumente se chama de vocação ou de “jeito” para determinado trabalho. Trata-se, antes, de percorrer de alto a baixo o tempo e o espaço com esse trapézio voador que avança e que recua e, nesse movimento, investir no desejo genuíno de seduzir o público, de se comunicar com o próximo, por meio de uma alegria de criar que não pode ser ensinada senão por meio da experiência que a torna possível no ato de fazer. Ato este que mais do que paciência ou disciplina; exige uma paixão pela palavra, pela história a ser contada, pela narrativa a ser construída, uma paixão que é da ordem do que nos constitui e sem a qual não podemos viver. Afinal:

Escrever, inscrever-se, pintar, deixar as próprias marcas – longe de nos conceder a eternidade, tem a ver com a produção de um objeto ou de uma condição que não conseguiremos efetivamente “possuir”; mas se trata de atos que existem para nós como desejo permanente, como urgência, sem os quais não podemos, não temos condições de viver (FISCHER, 2015, p. 948).

Deixar as próprias marcas na produção de um objeto ou de uma condição com um caráter permanente de urgência e de necessidade pode ser um caminho para exercícios de um jornalismo mais criativo, mais autoral, mais comprometido com marcas de autenticidade de quem o produz e de quem por ele é produzido, enquanto fonte, enquanto destinatário, enquanto interlocutor. Ao propor o envolvimento em um programa como o *Universidade: a vida é mais*, investimos em um espaço de autoria dos estudantes, em uma possibilidade de narração da própria vida, na academia e para além dela, menos presa a padrões de registro e a fórmulas jornalísticas, e mais próximo de uma fabulação, nos moldes do que revela Judith Butler (2015, p. 55): “Eu sempre recupero, reconstruo e encarrego-me de ficcionalizar e fabular origens que não posso conhecer. Na construção da história, crio-me em novas formas, instituindo um ‘eu’ narrativo que se sobrepõe ao ‘eu’ cuja vida passada procuro contar”.

A possibilidade de criação de nós mesmos em novas formas, de sobrepor um “eu” narrativo ao “eu” de uma vida passada que já não mais existe, porque o presente já está dado, também constitui a proposta de um programa de televisão como o que produzimos. Quanto há de ficcionalização ou de fabulação no que narramos a respeito de nós mesmos ou no que ouvimos da fonte com quem nos encontramos para a produção de uma matéria? Que verdades ou que realidades são essas que o jornalismo tanto insiste que se deva encontrar e que, efetivamente, jamais haveremos de possuir porque pertencem mais à dimensão da busca do que do achado propriamente? Perguntas como estas podem e devem estar presentes em nossos textos acadêmicos, bem como em nossas práticas profissionais, por meio de “(...) um jeito indagador que pomos sobre nossas produções, uma inquietude que nos faça desconfiar, a cada página escrita e a cada escolha de um título, da pertinência daquelas palavras (...)” (FISCHER, 2005, p. 132).

Nesse sentido, o que pretendemos com o programa *Universidade: a vida é mais* também é permitir que os estudantes que dele participam possam realizar um trabalho sobre sua sensibilidade, que consigam estabelecer modos de olhar e de escutar, e principalmente, de receber o que vem dos demais participantes – fontes de suas entrevistas, parceiros de trabalho, colegas de profissão, amigos. Tensionando as aparentes distâncias entre o sujeito que faz uma pesquisa e o que dela participa, entre o repórter e a fonte, apostamos na possibilidade de um texto permeado pela imaginação e pela inventividade, de um registro inspirado por outros registros. Acreditamos também que, a partir desses processos, “(...) pelo menos nossos textos tenham algo de fecundo, de matricial” (FISCHER, 2005, p. 139).

Textos que tenham algo de fecundo, sejam eles em forma de relatórios de atividades, de registros sonoros e audiovisuais, de exercícios acadêmicos, de postagens em redes sociais, são textos capazes de permitir o surgimento de outros textos, de abrir caminhos para a emergência de distintas leituras, de variadas interpretações, de infinitos modos de se pensar a vida – não seria isso, afinal, o que se espera de uma pesquisa, de um estudo, de uma tese? Não deveriam esses trabalhos trazer consigo a marca de uma fecundidade que seja também a possibilidade da manifestação de caminhos mais imaginativos, de trajetórias mais múltiplas, de novos modos de contemplação do mundo? Abbas Kiarostami (2004, p. 189) confessa um medo não com relação à morte, mas ligado à “ideia de perder a natureza que ainda tenho, a possibilidade de contemplar o mundo. Porque o único amor que aumenta de intensidade a cada dia, enquanto os outros amores perdem sua força, é o amor pela natureza”.

Podemos pensar a natureza à qual o cineasta se refere de variadas maneiras, inclusive como a natureza própria do ser humano, responsável por colocá-lo em movimento, por fazê-lo caminhar, por permitir que ele faça sempre novos trajetos, por instigá-lo a buscas em novas direções, onde podem se dar impensadas descobertas. Nesse sentido, um dos estudantes, no primeiro episódio do programa *Universidade: a vida é mais*, revela um desejo de transformação, que o fez sair de sua cidade no interior para estudar em Porto Alegre: “*a minha relação com a Universidade tem sido, sobretudo de descoberta. Porque, do município de onde eu vim, não se fala muito de UFRGS, de universidade federal. Tem uma universidade particular, e a maioria dos meus colegas foram pra lá. Mas eu resolvi mudar esse caminho, e nisso eu acabei me descobrindo, porque, como eu disse, estudar jornalismo o cara pensa à primeira vista, deve ser trabalhar em jornal, deve ser escrever pautas. Não, tem uma série de trabalhos que podem se fazer, a tua carreira não precisa ser apenas jornal...*”.

Perceber como os estudantes decidem por certos caminhos, como tomam determinadas decisões na busca de seus sonhos e anseios, como descobrem o que querem, como vão se constituindo profissionais de suas áreas, como vão lapidando as imagens de si, como vão enxergando os outros com quem convivem e aprendem, como vão ensinando a esses outros a partir de quem são – eis algumas perguntas que acreditamos poder responder a partir do programa do qual esses estudantes participam, e por meio do qual possam abrir espaço para o outro-diferença:

Desaparecer reveste-se, antes, do gesto de abrir espaço para o outro, o outro de cada um de nós próprios, o outro-diferença, a alteridade com que interagimos a cada dia, no livro que lemos, no filme a que assistimos, na pesquisa que fazemos ou damos por concluída e, principalmente, no colega ou no aluno que nos desafia, como alguém que jamais será o que supostamente soubemos ou sabemos dele (FISCHER, 2015, p. 954).

Abrir espaço para o outro, seja em nossas pesquisas, em nossos trabalhos acadêmicos, em nossos textos e escritos científicos, no programa de TV sobre o qual aqui refletimos, remete às muitas interações possíveis, mediadas pela literatura, pelo cinema, pela escultura, pela arte em geral, junto a cujas manifestações encontramos um outro que nos desafia, que se desnuda e se veste, na medida em que se revela sempre diferente.

Parte dessa diferença pode ser percebida nas motivações em função das quais os estudantes que participam do programa fizeram suas escolhas profissionais, que também trazem consigo a dimensão do outro, mesmo que seja alguém sem nome, alguém que se perca no emaranhado de uma coletividade sem identificação, mas ainda assim alguém na direção de quem se quer caminhar, como manifesta uma estudante, ao explicar as razões que a levaram a optar pelo curso de Engenharia Ambiental: “*Na época que eu trabalhava na empresa de seguros, eu acabei descobrindo que eu queria mais do que ficar fazendo um bem pra alguém, mas um bem maior, sabe, pra algo que realmente precisasse de mim, que não tivesse voz pra pedir ajuda, esse lance ambiental mesmo.*”

Investir mais nas interrogações e nos questionamentos sobre o que aprendemos também é um desafio para a formação de jornalistas, os quais, muitas vezes, para dar conta de concepções de isenção e de neutralidade, acabam esquecendo o quanto é parecida toda a vida, “(...) seja a de um astro de Hollywood, que ganha milhões por filme, seja a do mendigo, que carrega a casa nas costas, seja a de qualquer um de nós. Nossas semelhanças são avassaladoras” (BRUM, 2013, p. 48).

Breves considerações sobre um método da infância

Ao atentarmos para as semelhanças e para as diferenças entre cada um dos estudantes que participam do programa, nos interessam também suas falas desimportantes, assim como o que não é dito, o que é apenas sugerido, o que é novidade e o que é repetição em suas narrativas, o que permite que se conheça mais cada um deles e também o que os torna desconhecidos. Nossa observação exige, pois, que sejamos caçadores pacíficos de palavras – conhecidas e desconhecidas, que nos aventuremos no jogo da linguagem, que nos desprendamos de noções cristalizadas do que seria uma narrativa jornalística, do que seria um programa de televisão, do que seria o depoimento de um estudante universitário, do que seria também o próprio método científico.

O método não pode ter por objeto senão a própria linguagem, na medida que ele luta para baldar todo discurso *que pega*: e por isso é justo dizer que esse método é também ele uma Ficção: proposta já avançada por Mallarmé, quando pensava em preparar uma tese de linguística: “*Todo método é uma ficção. A linguagem apareceu-lhe como o instrumento da ficção, ela seguirá o método da linguagem: a linguagem se refletindo*” (BARTHES, 1980, p. 42-43).

Se entendemos, pois, que todo método é uma ficção, se compreendemos a linguagem como um método no qual ela se reflete, nossa escrita científica a partir do programa *Universidade: a vida é mais* será ela também uma espécie de ficção, graças à qual ganharão registro não somente o que os estudantes dizem, mas aquilo que parecem dizer, que possivelmente querem dizer, e que, embalados pela imaginação de quem os ouve, são registros de uma obra, de uma existência, de uma trajetória, inesgotáveis como o pensamento que a partir delas se movimenta:

O que fica de um homem é o que o seu nome e as obras que fazem desse nome um sinal de admiração, de raiva ou de indiferença provocam na imaginação. Pensamos que ele pensou e podemos encontrar entre suas obras esse pensamento que lhe vem de nós: podemos refazer esse pensamento à imagem do nosso (VALÉRY, 2011, p. 141).

Refazer um pensamento que vem do outro, pensar o que o outro pensou, deixar-se provocar pelo que nossa imaginação é levada a produzir nesse jogo de alteridade, podem ser formas de produzir textos mais fecundos, de neles deixar nossas próprias marcas, a exemplo do que nos sugere Fischer (2015). Considerar os discursos, as manifestações, as falas dos estudantes que participam do nosso programa como uma

obra que permanece, e que pode nos mobilizar como professores e pesquisadores, capazes de acolhê-la no avesso de sua importância ou no antônimo de sua evidência (BRUM, 2006), pode ser um meio de pensar formação e criação na universidade. Pode ser também uma maneira de desenvolver o que pretendemos que seja um método de trabalho ensaístico, tendo em vista que "pensar consiste, quase todo o tempo em que o fazemos, em errar entre motivos sobre os quais sabemos, antes de mais nada, que os conhecemos mais ou menos bem" (VALÉRY, 2011, p. 153).

A partir do momento em que aceitamos pensar junto a artistas como Abbas Kiarostami, quando tomamos como nossas as ideias de escritores como Lygia Fagundes Telles e Eliane Brum, na relação que brota de nossos pensamentos com os que nos ofertam autores como Michel Foucault e Rosa Maria Bueno Fischer, apostamos num modo de fazer pesquisa que é também um modo de viver artisticamente. Vemos os processos de criação como constituidores de quem somos e de quem podemos ser, no momento em que por meio deles podemos traçar nossas trajetórias. Nosso trabalho de investigadores da palavra, da linguagem, da vida vai se movendo como percurso que espera com humildade o nascimento de uma nova clareza, ou a emergência de uma clareza que já estava dada e que não havíamos ainda percebido.

Também como uma experiência de exercício jornalístico, de prática com rotinas próprias do trabalho com as fontes e com as pautas, o programa pretende apostar em maneiras menos normativas de estabelecer relação com o outro, em modos menos homogêneos de se constituir narrativas de si e dos outros:

O que me parece interessante de pensar sobre o uso do manual seria seu papel como mais um elemento que contribui para um padrão de ações mais reprodutivas do que inovadoras no ensino dos saberes do jornalismo. Entendido como *uma síntese de como fazer jornalismo*, por mais que esteja sujeito a alterações, é um instrumento normativo que prevê a reiteração de uma homogeneização no tipo de narrativa produzida pelo jornalismo (SILVA, 2015, p. 240).

O desprendimento do uso de manuais e de métodos que reiteram narrativas homogeneizadas não implica, no entanto, que tenhamos deixado de fora certos critérios de trabalho, de uma organização, a partir da qual fosse possível mobilizar o pensamento e percorrer o trajeto da pesquisa, em diálogo constante com as formas de criação artística que são, a seu modo, ofício e metodologia.

Um desses diálogos foi com *A vida dos homens infames*, texto no qual Michel Foucault (2003) se debruçou sobre alguns documentos, datados do período entre 1660 e 1760, que compreendiam arquivos de internamento, petições ao rei, cartas régias com ordem de prisão. Antes de citar cinco critérios a partir dos quais ele fez a escolha dos relatos que envolviam esses documentos, Foucault destaca que "foi para reencontrar alguma coisa como essas existências-relâmpagos, como esses poemas-vidas que eu me impus um certo número de regras simples" (FOUCAULT, 2003, p. 213).

As regras às quais Foucault se refere têm relação com acontecimentos da época na qual ele detém seu olhar de pesquisador, e envolvem vidas singulares, registros quase despercebidos de homens e mulheres que, em função de denúncias, críticas, comportamentos entendidos como inadequados ou criminosos, saíram de um determinado anonimato e se transformaram, ou foram transformados, em notícias:

O termo "notícia" me conviria bastante para designá-los, pela dupla referência que ele indica: a rapidez do relato e a realidade dos acontecimentos relatados; pois tal é, nesses textos, a condensação das coisas ditas, que não se sabe se a intensidade que os atravessa deve-se mais ao clamor das palavras ou à violência dos fatos que neles se encontram. Vidas singulares, tornadas, por não sei quais acasos, estranhos poemas, eis o que eu quis juntar em uma espécie de herbário (FOUCAULT, 2003, p. 203).

Essa espécie de herbário ao qual se refere Foucault pode ser pensado como um conjunto de narrativas, de acontecimentos, de pequenas tragédias anônimas, de desimportantes existências que, a despeito de sua redução a uma marginalidade social, podem dizer muito, à medida que, aparentemente, nada teriam para falar. Nesse sentido, "o movimento do autor em direção a essas vidas se constitui em um encontro de fascínio e de admiração filosófica pelo tipo de singularidade e de narrativa que se apresenta em tais experiências (NAIDIN, 2016, p. 1034).

Ao investir em um programa como o *Universidade: a vida é mais*, também nos movimentamos em direção a vidas singulares, a experiências muito particulares de oito estudantes universitários, a relações entre esses estudantes com suas próprias trajetórias acadêmicas, com suas escolhas profissionais, com seus sonhos e expectativas relacionados à universidade e para além dela. Tal como Foucault (2003), nos interessamos por essas existências reais, às quais podemos dar um lugar, uma data, um caminho, um espaço de constituição de si:

Eu quis que se tratasse sempre de existências reais; que se pudessem dar-lhes um lugar e uma data; que por trás desses nomes que não dizem mais nada, por trás dessas palavras rápidas e que bem podem ser, na maioria das vezes, falsas, mentirosas, injustas, exageradas, houvesse homens que viveram e estão mortos, sofrimentos, malvezas, ciúmes, vociferações (FOUCAULT, 2003, p. 214).

Os critérios de escolha adotados por Foucault, e que o fizeram caminhar em direção a seus homens e mulheres infames, além de trajetos metodológicos para a elaboração de estudos capazes de se debruçar sobre existências reais, nos apontam possibilidades de estabelecer diálogos com as singularidades de cada indivíduo, a partir dos quais se torna possível a criação de novos lugares, outros modos de falar e de escutar, de mobilizar um pensamento que seja transformador.

Escolhemos para nosso trabalho quatro estudantes de jornalismo que já eram bolsistas da TV universitária, em diferentes semestres do curso, e para que por eles fossem acompanhados desde o início de suas graduações, escolhemos outros quatro estudantes – de agronomia, de ciências sociais, de engenharia ambiental e de história – recém em seu primeiro semestre. A partir da relação desses oito estudantes, tendo como fio condutor sua rotina na universidade, acontecem encontros e aproximações, movidos pela singularidade de suas vidas. Interessanos, então, o que compõem o comum, o detalhe aparentemente sem importância, os fatos insignificantes, o que pode passar despercebido.

Apostamos na ideia de que todas as coisas podem e devem ser ditas, que nos encontros entre os estudantes podem ser tratados todos e quaisquer assuntos, que eles sejam ouvidos no que tem para contar e que lhes parece tanto importante quanto banal, que nas relações haja como que um espaço sagrado para a escuta e para um afeto consigo próprios e com os outros.

A "infâmia" desses estudantes estaria em sua disposição a enfrentar os perigos da própria trajetória e na coragem de pisar no fio de suas existências, na busca de um equilíbrio, que tanto mais é possível quanto mais se constituir uma experiência consigo e com os outros, com quem eles caminham, se confrontam, se multiplicam.

A universidade e o pensamento que se move

A estudante deixou para trás as aulas na instituição privada e o trabalho na empresa de seguros, porque se sentiu desafiada a fazer *um bem maior*; ela acredita que pode ser mais útil ao mundo atuando na Engenharia Ambiental. Um jovem do interior do Estado veio para a capital tentando seguir um caminho diferente dos amigos, que optaram por estudar e ficar "por lá". Um morador de Viamão, menino, via jornalistas trabalhando, e desde a infância quis a magia do jornalismo; seu desejo é "contar histórias". Outro jovem também desistiu da instituição privada, no interior do Estado, e veio para a capital; ele "quer se apaixonar" – por si próprio, por outras pessoas, por coisas, por situações, "para ser uma pessoa diversa"...

As falas iniciais de quatro dos oito principais estudantes, participantes do projeto *Universidade: a vida é mais*, ao se apresentarem no primeiro programa, já permitem identificar um desejo de transformação, uma potência de mudança, uma vontade de não permanecer o mesmo. Tanto nas conversas dos estudantes de jornalismo com os matriculados em outros cursos, quanto nas interações que tenho mantido com os estagiários, para fins de planejamento, organização e avaliação dos programas, tem se tornado cada vez mais presente o impacto das transformações em suas vidas, desde que ingressaram na universidade.

Buscando trabalhar com uma perspectiva foucaultiana sobre o tema das “narrativas de si” – uma das linhas condutoras do programa –, conseguimos identificar uma série de manifestações que podem nos ajudar a pensar os modos por meio dos quais os estudantes vão se constituindo na condição de universitários, cidadãos, profissionais, e acima de tudo, sujeitos da busca da própria mudança. Apostamos na escuta dos relatos desses jovens como um modo de compreender como se dá sua formação, como se estabelecem relações de “cuidado consigo” mesmos, como se dá, para eles, a escuta de si e do outro.

Quando falam sobre os desafios de entrevistarem alguém, os estudantes de jornalismo destacam a *importância de se conectar com o entrevistado*, e apostam na *“interação do programa, na possibilidade de as pessoas conseguirem falar realmente livres, sem formalismo”*. Essa busca de ouvir o outro pode ser relacionada à indissociabilidade entre o que se pensa e o que se faz, uma vez que tanto os estudantes de jornalismo quanto os acadêmicos dos outros cursos são convocados a falar de si, num constante diálogo que supõe ação e trabalho – sobre as palavras ditas e sobre as não ditas, sobre as narrativas postas em evidência e sobre as apenas sugeridas, sobre as expectativas e sobre as verdades de cada um.

No segundo episódio, no momento em que debatem sobre referências culturais, uma estudante é questionada sobre o filme favorito e ela pergunta se pode citar *Titanic*, para em seguida dizer que se trata do filme a que ela mais assistiu na vida: *Não tanto por marcar a minha história, a minha vida, não mudei meu pensamento por causa desse filme, mas eu sempre gostei muito dele*. Gostar muito de um filme, ver a mesma produção várias vezes, seria, afinal, um modo de marcar a vida de alguém? Não importa tanto. Para mim, importa que essa singela situação pode nos ajudar a pensar sobre os discursos esperados de nós, sobre o estatuto de importância que damos aos livros que lemos ou às músicas que ouvimos. Deveria ter esse filme um *status* menos comercial ou um enredo mais politizado, para ser considerado transformador? Também, no segundo episódio, um estudante comenta que, recém-chegado a Porto Alegre, assistiu, na universidade, à peça *Qual a diferença entre o charme e o funk?*, que o fez lembrar da época em que ele fazia teatro, de como isso o movia e o tocava. Permitir que os estudantes envolvidos nesse projeto possam pensar sobre o que os move, sobre o que os toca, pode ser uma forma de criar oportunidades para um novo olhar acerca de si mesmos (e, talvez, sobre nós mesmos).

Operando a partir de conceitos como o de experiência, a partir das elaborações de Walter Benjamin (que considera a narrativa uma força que não se gasta, conservando a capacidade de interpelar quem dela participa e de a fazer permanecer no tempo), podemos pensar as histórias de vida de cada participante do programa como forças transformadoras, como modos de uma travessia que se dá por meio da presença do outro, um outro que anda junto, muito próximo de nós.

No terceiro episódio, cada participante foi convidado a trazer para a gravação um amigo que conheceu durante os primeiros meses da faculdade. Se faltaram explicações de como surgiram aquelas amizades, sobraram referências do quanto elas foram se construindo de modo espontâneo, do quanto elas se constituíram a partir de provocações que têm levado cada um deles a inúmeras mudanças – conversos de olhares, de perspectivas, de pontos de vista, de entendimentos sobre si próprios e sobre os outros. Um dos estudantes, justificando ter trazido uma amiga que cursa Dança, reforça que, por ela ser mulher e negra, o convívio mostrou a ele um universo desconhecido: *“Por ser homem, e mesmo sendo homossexual, e fazendo parte de um grupo x, eu não entendo o que é ser mulher, o que é ser negra. Isso realmente me enriqueceu muito como pessoa”*.

A simplicidade de pequenas afinidades, como gostar de jogar sinuca nos intervalos das aulas ou de saborear massa com calabresa como o prato predileto, assim como a complexidade de poder contar com um amigo para confiar segredos e tristezas, ou para sentir que nele há confiança e companheirismo, constroem os trilhos por meio dos quais os estudantes vão se transformando, uns na companhia dos outros. Operando com as contribuições de Ortega (2000), é possível pensar o quanto essa transformação tem de incitação recíproca e de provocação permanente, porque há um constante jogo entre as semelhanças mais imediatas que aproximam e as diferenças que provocam movimentos de pensamento.

Algumas dessas mudanças se tornam mais evidentes no quarto episódio, quando os participantes foram convidados a fazer uma avaliação de sua participação até o momento. Nas gravações, eles falam de como se veem nos registros feitos para o projeto, do quanto acreditam que estão conseguindo se expressar, expondo suas ideias, opiniões, descobertas e expectativas; do quanto, enfim, estar tomando parte nesse processo está sendo importante para eles. *“Esse projeto é uma grande oportunidade pra vocalizar as coisas que eu penso, as coisas que eu sinto, e ter documentado a minha trajetória universitária, isso é muito rico. Faz muito bem eu escutar os meus pensamentos”*, é a manifestação positiva de um deles, enquanto outra parece menos satisfeita: *“eu não tenho me mostrado muito nos programas, falado abertamente sobre mim, parece que eu fico envergonhada, eu não consigo sair confiando”*.

Outro estudante, nesse quarto episódio, traz para a discussão o conceito de *persona*, estudado em algumas de suas aulas no curso de Ciências Sociais, explicando que *“sempre que a gente está em contato com pessoas ou em situações diferentes, a gente está de fato interpretando alguém, a gente possui múltiplas facetas (...) como é que a gente vai pegar e colher os relatos das pessoas, com filmagens, entrevistas e tal, e achar que isso aí é a realidade absoluta, quando a realidade está em constante mudança, de acordo com as circunstâncias nas quais estamos, com a maneira que a gente está dialogando com as pessoas”*.

É justamente a partir dos diálogos entre os estudantes, em diferentes momentos de sua vida acadêmica, que o projeto *Universidade: a vida é mais* tem se mostrado um caminho para a escuta de si e para a escuta do outro, para a possibilidade do que Fischer (2011) chama de “amor à narrativa”, tanto mais possível quanto menos tememos as palavras, quanto menos tememos a diferença, quanto menos tememos o outro. Pensar os modos de transformação que acontecem na universidade, pensar as formas por meio das quais um estudante se transforma num jornalista, ou num agrônomo, ou num historiador, é também um modo de pensar nas histórias que esses estudantes contam sobre si, nos relatos que compartilham com o outro que com eles caminha e aprende, nas experiências que eles tornam públicas por meio dos diálogos que estabelecem com os semelhantes e com os diferentes. Estamos, assim, diante de narrativas de jovens que, ao falarem de si, parece que libertam o próprio pensamento; constituem-se, em movimento, de outra forma.

Referências

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1980.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

BRUM, Eliane. **A menina quebrada**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Autêntica: Belo Horizonte, 2015.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Arte, pensamento e criação de si em Foucault: breve ensaio** Revista Currículo sem Fronteiras, v. 15, n. 3, set/dez. 2015.

_____, Rosa Maria Bueno Fischer. **Cinema e pedagogia: uma experiência de formação ético-estética**. Revista Percursos. Florianópolis, V. 12, Nº 01, jan/jun. 2011.

_____, Rosa Maria Bueno. **Mídia e educação: em cena, modos de existência jovem** Educar. Nº 26. Editora UFPR: Curitiba, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A vida dos homens infames**. Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

KIAROSTAMI, Abbas. **Dois ou três coisas que sei de mim** São Paulo: Cosac Naify, 2004.

LARROSA, Jorge. **Tecnologias do eu e educação**. In: SILVA, Tomás Tadeu da (org.). O sujeito da educação: estudos foucaultianos. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

NAIDIN, Julia. **Vidas heterotópicas, vidas infames, vidas outras: um pequeno percurso antropológico no pensamento de Foucault**. Revista Filos, Aurora, Curitiba, v. 28, set./dez. 2016.

ORTEGA, Francisco. **Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

QUINTANA, Mario. **Poesia completa em um volume**. Organização de Tania Franco Carvalhal. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

RESENDE, Fernando. **O jornalismo e suas narrativas: as brechas do discurso e as possibilidades do encontro** Revista Galáxia. São Paulo, n. 18, dez. 2009.

SILVA, Marcia Veiga da. **Saberes para a profissão, sujeitos possíveis: um olhar sobre a formação universitária dos jornalistas e as implicações dos regimes de poder-saber nas possibilidades de encontro com a alteridade**. Tese de Doutorado. UFRGS: Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação. Porto Alegre, 2015.

TELLES, Lygia Fagundes. **Clarice Lispector – Entrevistas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

VALÉRY, Paul. **Variedades**. São Paulo: Iluminuras, 2011.